

Para mim a biblioteca define um espaço em cujos livros encontramos resposta para muitas dúvidas. No ambiente de leitura frutifica a meditação e irrompe a avidez de saber mais por causa de todo um mundo de questões então descobertas. Por vezes, ao ler, passamos páginas e páginas sobre o dia a dia do nosso tempo ou de outras épocas, sobre o pensamento de homens que não estão presentes. O que está escrito fornece experiências a contrapor a situações existenciais conhecidas ou que nos vão aparecer. Ocasões boas surgem quando deparamos com finas observações sobre a maneira de ser e os aspectos omnímodos da reflexão e proceder da natureza humana nos seus claros e escuros, nas suas facetas de opacidade. Pequenas frases encerram toda uma filosofia. Observações há capazes de ajudarem a estabelecer o fio de uma meada de pensamento ou susceptíveis de explicar uma cadeia de acontecimentos. Vivências únicas prendem-nos ao real, enquanto outras conduzem a investigações interrogativas sobre a pessoa e o transcendente.

Da biblioteca, fica-nos também a lembrança dos seus tesouros, normalmente relevantes nas antigas universidades. Espantam as criações do homem em matéria de artes gráficas. E que dizer da arte de decorar os textos praticada desde há séculos para assumir formas bem diferentes no nosso tempo?

A biblioteca recorda-me as antigas livrarias particulares e conventuais, sobretudo do século XVIII, campo habitual do meu labor. Nessa época, além de se instituir a Biblioteca de Lisboa, desenvolveu-se, por exemplo, nos mosteiros um esforço de catalogação, defesa e acomodação dos livros, tantos deles símbolos da nossa cultura e ainda do cosmopolitismo das "luzes", do seu espírito crítico e metódico. Ora, é justamente então que, pela primeira vez, se estrutura a disposição dos livros, tendo como base o "método científico" e uma árvore do saber, que nos

lembra a *Enciclopédia*, de Diderot. Este facto ocorreu no mosteiro de Tibães, casa mãe dos beneditinos portugueses. Olhando esse tempo, damo-nos conta do caminho percorrido em termos de biblioteconomia. Paralelamente, e comparando com a biblioteca que temos, regozijamo-nos frente à inovação e à capacidade organizativa que servem as instituições de agora, quando se experimentam processos de ponta e não desaparecem as dúvidas apanágio dos bons espíritos. Além disso, ontem como hoje, fundamental se torna que se desenvolva o gosto pela leitura e o amor pelos livros.

A este propósito, úteis são amiúde as conversas entre o leitor e o bibliotecário sobre livros desconhecidos, sobre obras que afinal existem nas estantes, sobre aquisições a fazer, sobre o que é urgente catalogar, sobre o uso das novas tecnologias, sobre as dificuldades de um labor em comum para quem oriundo de profissões diferentes, percorrer, lado a lado, vias análogas, ora reflectindo, ora trocando ideias, sempre com o objectivo de valorizar a biblioteca. Nos seus espaços, agora variados na casa de que fruímos, testam-se técnicas, metodologias e saberes, a mente funciona, gera-se o diálogo a partir dos textos compulsados, do aviso do bibliotecário, ou, em intervalo, da conversa com algum leitor amigo.

*Luís António de Oliveira Ramos*